

ARTIGO 4

A HOMOGENEIZAÇÃO DOS DISCURSOS PERPETUADA PELO FUNCIONAMENTO DOS FILTROS-BOLHA E DAS CÂMARAS DE ECO NAS REDES SOCIAIS À LUZ DAS TEORIAS DO CÍRCULO DE BAKHTIN

MARINA PICHSIUS **GOMES**
ISABEL BURILHO OLIVEIRA DE **MATOS**
VANESSA LUIZA DE **WALLAU**

A HOMOGENEIZAÇÃO DOS DISCURSOS PERPETUADA PELO FUNCIONAMENTO DOS FILTROS-BOLHA E DAS CÂMARAS DE ECO NAS REDES SOCIAIS À LUZ DAS TEORIAS DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Marina Pichsius **Gomes**¹

Isabel Burilho Oliveira de **Matos**²

Vanessa Luiza de **Wallau**³

RESUMO:

No cenário contemporâneo, as redes sociais encontram-se permeadas por mecanismos de personalização que customizam as informações recebidas pelos usuários a partir de suas próprias preferências. Em razão do alcance dessas plataformas, inseridas no cotidiano dos indivíduos integrantes da sociedade, emergem discussões a respeito dos efeitos da curadoria algorítmica na produção e circulação de discursos. Isto posto, o presente trabalho busca discutir o funcionamento das ferramentas de personalização nas redes sociais, a partir dos conceitos de gestão algorítmica da atenção (Bentes, 2019), filtro-bolha (Pariser, 2012) e câmaras de eco (Sunstein, 2017), analisando sua influência na esfera discursiva sob a ótica dos postulados bakhtinianos de heterodiscurso e das forças centrípetas e centrífugas (Bakhtin, 2015). Dessa forma, por meio de uma pesquisa de caráter qualitativo, exploratório e bibliográfico, investiga-se o modo como a personalização algorítmica pode restringir a diversidade de vozes no espaço digital, privilegiando conteúdos convergentes com opiniões consolidadas pelos usuários, o que sinaliza implicações para o exercício do pensamento crítico e para a manutenção da heterogeneidade discursiva. Para tanto, a metodologia envolve a revisão crítica de obras e artigos acadêmicos, com ênfase na articulação entre estudos linguísticos e fenômenos sociotecnológicos contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE:

Filtro-bolha. Câmaras de eco. Heterodiscurso.

¹ Acadêmica do Curso de Letras Português/Inglês do Centro Universitário Fag, mpgomes@minha.fag.edu.br.

² Acadêmica do Curso de Letras Português/Inglês do Centro Universitário Fag, ibomatos@minha.fag.edu.br.

³ Mestra em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), docente no Centro Universitário Fag, vanessaluiza@fag.edu.br.

INTRODUÇÃO

A partir do avanço exponencial da tecnologia nas últimas décadas, os meios de comunicação passaram por diversas transformações até chegar ao que se conhece hoje. De maneira concomitante, as redes sociais tornaram-se um instrumento essencial na transmissão de informações, reajustando a maneira como os consumidores passam a acessá-las. Para que cumpram com eficácia os seus objetivos, as redes de comunicação são formadas por um sistema algorítmico que tem como função a personalização dos conteúdos de acordo com os interesses de cada consumidor.

Dessa maneira, esse sistema é responsável por criar o que Eli Pariser chamou de filtro-bolha, que pode ser definido como “um universo de informações exclusivo para cada um de nós” (2012, local. 11). Esse filtro atua como uma espécie de bolha metafórica, na qual os sujeitos não interagem com nada fora desse espaço, com o objetivo de mantê-los por mais tempo conectados. Esse fenômeno, embora aumente a sensação de relevância do conteúdo, pode limitar o contato com perspectivas divergentes de mundo.

De maneira complementar, consideram-se as teorias do Círculo de Bakhtin, que denominam a pluralidade de vozes e estilos dentro de um enunciado como *heterodiscurso* (Francelino, 2022), fenômeno que não é possibilitado dentro da personalização das redes sociais. Assim, visto que essas teorias concebem os discursos como um espaço dialógico, essa homogeneização de vozes representa uma questão relevante para a compreensão do mundo social e tecnológico contemporâneo.

Isto posto, a problemática central desta pesquisa emerge dessa tensão: a maneira como os filtros-bolha e outros mecanismos são capazes de atuar na homogeneização dos discursos de acordo com as teorias do Círculo de Bakhtin. Sob o prisma dessas teorias, analisa-se a influência dos mecanismos de personalização na formação dos discursos homogeneizados. Considerando o papel importante da internet nas relações sociais da sociedade atual, refletir sobre esse problema torna-se necessário para compreender, de forma abrangente, as novas dinâmicas da comunicação.

Concomitantemente, a justificativa para esta pesquisa se ancora em dois aspectos principais. Primeiro, do ponto de vista social, busca-se compreender o impacto dos filtros-bolha na formação dos discursos dos consumidores, os quais, por conta do mecanismo, não encontram um ambiente comunicativo plural e democrático, em que diferentes vozes possam coexistir e dialogar. Segundo, no campo acadêmico, o estudo contribui para o aprofundamento das reflexões sobre discurso a partir da perspectiva bakhtiniana, articulando teoria e fenômenos contemporâneos que ainda carecem de análises sistemáticas sob esse viés.

Em primeira análise, busca-se elucidar a relação entre o sistema de filtragem nas redes sociais e os conceitos de filtros-bolha e câmaras de eco, seguida pela correlação das teorias bakhtinianas de heterodiscurso, forças centrífuga e centrípeta, finalizando com a relação entre tais teorias e a maneira como a personalização das redes sociais contribui para os fenômenos analisados.

A presente pesquisa é de caráter qualitativo, exploratório e bibliográfico, conforme as orientações de Gil (2002). O procedimento metodológico consiste na articulação entre os aportes tecnológicos e os referenciais bakhtinianos, por meio da análise de obras, livros, artigos e entrevistas que discutem tanto os fenômenos da personalização algorítmica quanto os fundamentos da teoria dialógica da linguagem. O estudo não se orienta para a aplicação imediata dos resultados, mas visa produzir reflexões críticas e ampliar a compreensão sobre os impactos da gestão algorítmica na construção discursiva da sociedade contemporânea.

1 A RELAÇÃO ENTRE OS MECANISMOS DE FILTRAGEM, AS CÂMARAS DE ECO E O USO DAS REDES SOCIAIS

A personalização das plataformas, mediante a curadoria das informações, é assunto abordado entre os pesquisadores do campo da tecnologia há mais de duas décadas. Corroborando essa afirmativa, na metade da década de 1990, Bill Gates (1995) já anunciava a possibilidade de customização:

Informações customizadas são uma extensão natural... Para sua própria dose diária de notícias, você pode assinar diversos serviços de revisão e deixar que um agente de software ou um humano selecione e organize seu “jornal” completamente customizado. Esses serviços de assinatura, sejam humanos

ou eletrônicos, irão reunir informações que estejam de acordo com uma determinada filosofia e conjunto de interesses (p. 167-168, tradução nossa)⁴.

Decorridos mais de vinte anos do anúncio em questão, permanecem os debates, contribuindo para uma melhor compreensão de como esse sistema vem se comportando ao longo dos anos. Contemporaneamente, existe a concepção de que os indivíduos são bombardeados com o excesso de “estímulos sensoriais e informacionais” (Bentes, 2019, p. 222), a partir do acesso aos *sites* da *internet*. Em razão disso, tornou-se imprescindível a criação de artifícios que possibilitem a manutenção do usuário pelo máximo tempo possível em determinados *sites*, buscando-se “a captura, a mobilização e o direcionamento da atenção” (Bentes, 2019, p. 222).

As razões elencadas para a existência desses mecanismos convergem, ainda que os objetivos das pesquisas sejam distintos. Traçando uma visão ampla do assunto, à luz da teoria da gestão algorítmica da atenção, os algoritmos correspondem a uma série de instruções destinadas ao desempenho de uma tarefa específica (Bentes, 2019). Nesse sentido, ao integrá-los às plataformas da *internet*, os sites passam a oferecer aos usuários aquilo que demonstram interesse, respondendo aos direcionamentos recebidos.

Somando-se a isso, por meio da teorização dos filtros-bolha, Eli Pariser (2012) sustenta que os filtros executados pelos algoritmos criam uma espécie de bolha, por meio da qual os usuários consomem apenas informações que não contrariam suas próprias concepções. Quanto à motivação para esse uso direcionado dos algoritmos, Anna Bentes (2019, p. 224) compreende que a utilização da curadoria de informações, ainda que seja anunciada como “[...] a possibilidade de otimizar o tempo e o interesse tanto dos consumidores quanto dos anunciantes”, constitui uma estratégia para captar a atenção dos consumidores.

Ainda que assim não fosse, a dependência das redes sociais tornou-se uma realidade evidente na sociedade contemporânea, e estudiosos do ramo da psicologia (Silva *et al.*, 2024) associam o vício à dopamina liberada após o consumo de

⁴ No original: “Customized information is a natural extension... For your own daily dose of news, you might subscribe to several review services and let a software agent or a human one pick and choose from them to compile your completely customized ‘newspaper’. These subscription services, whether human or electronic, will gather information that conforms to a particular philosophy and set of interests” (Gates, 1995, p. 167-168).

conteúdos disponibilizados pelos *sites*. Em decorrência dessa sensação dopaminérgica, os consumidores temem a ausência de estímulos:

[...] há um aumento nas evidências que associam o uso intensivo das redes sociais a sintomas tipicamente vinculados à dependência de substâncias, como alterações de humor, intolerância, sintomas de abstinência e distúrbios comportamentais. Esses sinais são frutos de uma desadaptação cognitiva, intensificada por uma gama de fatores externos, culminando na dependência dos usuários às redes sociais (Silva *et al*, 2024, p. 425).

Relevante mencionar que os mesmos pesquisadores defendem que o vício é reforçado pelo funcionamento dos algoritmos:

O que antes era mera exposição de um produto, agora passa a ser uma intrincada engrenagem digital de algoritmos que exercem sua determinação, modificando o comportamento e o desejo de milhões de pessoas diariamente, sem que a maior parte delas sequer se dê conta disso. [...] Não sem razão, na atualidade, as mídias sociais já são descritas como um hábito dopaminérgico mais viciante do que os cigarros e o álcool, estando de tal forma arraigadas na vida dos jovens que já não seria mais um fenômeno passível de ser ignorado (Silva *et al.*, 2024, p. 428-429).

Para esses estudiosos, o excesso aparenta ser a reação pretendida, visto que o tempo que um indivíduo passa logado nas redes sociais corresponde à entrega de informações que serão posteriormente utilizadas para captar cada vez mais a sua atenção, gerando um ciclo vicioso e um paradoxo de interdependência entre a plataforma e o usuário (Marques, 2023). Acrescenta-se:

A personalização se baseia numa barganha. Em troca do serviço de filtragem, damos às grandes empresas uma enorme quantidade de dados sobre nossa vida diária – dados que muitas vezes não dividiríamos com nossos amigos (Pariser, 2012, local. 16).

Diante desse cenário, o vício se relaciona à entrega personalizada de informações, pois é mais confortável ocupar a posição de gastar menos energia ao selecionar o que assistir (Pariser, 2012). Essa mediação reforça a impressão de otimização de tempo. Ocorre que o objetivo inicial de descobrir, a partir da previsibilidade do comportamento, o que seria de interesse do usuário, pode transformar-se em uma influência direta na tomada de decisões.

Bentes (2019, p. 224) argumenta que as plataformas se aproveitam das “[...] vulnerabilidades cognitivas e emocionais dos usuários, a fim de influenciar e persuadir

suas escolhas e comportamentos”. No mesmo sentido, Pariser (2012) afirma que a bolha dos filtros tem o poder de afetar a capacidade decisória dos indivíduos, ao mesmo tempo em que os doutrina a partir de suas próprias ideias. Esse acontecimento foi nomeado “determinismo informativo” e ocorre sempre que as informações que surgirão estiverem condicionadas aos *links* clicados anteriormente.

Compreende-se, nesse ponto, que o poder dos algoritmos é exercido justamente pela sensação de prazer, gerada pela entrega de informações que se adequam às ideias de mundo do usuário (Pariser, 2012). O conhecimento obtido a respeito dos consumidores, a partir dos dados coletados, permite que o sistema perceba seus gostos e dissabores antes mesmo que os usuários os saibam, reconhecendo suas emoções e procurando causar sentimentos específicos (Sunstein, 2017).

Em consequência do funcionamento dos referidos mecanismos, surge o fenômeno das *câmaras de eco*, objeto de estudo de Cass Sunstein (Pazzanese, 2017, n.p., tradução nossa):

Muitas pessoas adoram ler coisas que fortaleçam e confirmem suas próprias opiniões – e, por definição, as pessoas gostam de ler sobre tópicos que as interessam. Portanto, a liberdade de escolha pode produzir autoclassificação, na qual as pessoas entram em câmaras de eco ou casulos de informação⁵.

Pariser (2012) explica a função psicológica que permite que isso ocorra:

[...] a cada segundo nós reduzimos muita informação – comprimindo a maior parte do que nossos olhos veem e nossos ouvidos ouvem, transformando tudo em conceitos que captam a ideia fundamental. Os psicólogos chamam esses conceitos de *esquemas*. [...] Depois que adquirimos esquemas, estamos predispostos a fortalecê-los. [...] O viés da confirmação é uma força mental conservadora que nos ajuda a proteger nossos esquemas contra a erosão (local. 59-62).

Ao examinar a metáfora das câmaras de eco, infere-se que o isolamento da diversidade de ideias e o recebimento filtrado de informações, ao impedirem o contato com opiniões discordantes, simulam uma câmara de diálogo com o próprio eco. Inexiste, nesse cenário, a hipótese de ser contrariado.

⁵ No original: “A lot of people love reading things that fortify and confirm their own opinions — and, by definition, people like reading about topics that interest them. So, freedom of choice can produce self-sorting, in which people enter echo chambers or information cocoons” (Pazzanese, 2017, n.p.).

Ocorre que, embora a câmara de eco transmita a sensação agradável de estar sempre correto, as repercussões são inevitáveis: “Mas se as pessoas se agrupam em comunidades de pessoas com ideias semelhantes, sua própria liberdade está em risco. Elas estão vivendo em uma prisão projetada por elas mesmas⁶” (Sunstein, 2017, p. 12, tradução nossa). Em outras palavras: “ficamos presos numa versão estática, cada vez mais estreita de quem somos – uma repetição infundável de nós mesmos” (Pariser, 2012, local. 16).

O ato de lidar com a contrariedade dá espaço à aquisição de novos conhecimentos, pois, assim como os indivíduos são capazes de alterar o mundo ao redor para se ajustar às suas certezas, o mundo ao redor é capaz de modificá-las por meio do conflito de opiniões (Pariser, 2012). Dessa forma, o poder exercido pelas redes sociais, especialmente diante do comportamento dos usuários adictos, revela o alcance do sistema de filtragem e das câmaras de eco, e, conseqüentemente, a sua capacidade de influenciar a produção dos discursos.

Observa-se, então, que há um movimento de enfraquecimento progressivo da diversidade de vozes no espaço digital, visto que a filtragem personalizada e a formação de câmaras de eco instauram uma lógica de reiteração, homogeneidade e centralização, obstando o diálogo com a pluralidade. Para melhor compreensão desse fenômeno, é essencial abordar a dimensão discursiva e social da linguagem. Sob essa perspectiva, uma análise atenta aos postulados do Círculo de Bakhtin possibilita refletir sobre as influências da curadoria algorítmica na heterogeneidade dos discursos.

2 A HETEROGENEIDADE DOS DISCURSOS À LUZ DOS POSTULADOS DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Utiliza-se a expressão *Círculo de Bakhtin* porque, para além do pensador Mikhail Bakhtin (1895-1975), as formulações e as obras são produtos de reflexão de um grupo que contava com a participação de diversos outros intelectuais (Molon e Vianna, 2012). Esse movimento, formado por uma rede de profissionais preocupados com as formas de estudar a linguagem, a literatura e a arte a partir das obras de

⁶ No original: “But if people are sorting themselves into communities of like-minded types, their own freedom is at risk. They are living in a prison of their own design” (Sunstein, 2017, p. 12).

Bakhtin, discorreu sobre o discurso de outrem, também conhecido como discurso alheio (Pinheiro, 2009, s/p). De acordo com Volóchinov (2017), esse discurso alheio é o discurso dentro do discurso e o enunciado dentro do enunciado.

Em primeira instância, compreende-se que a formação desse discurso ocorre a partir de duas formas. A primeira, de caráter linear, consiste em incorporar o discurso do outro sem que haja alterações em sua composição. É a palavra do outro que integra plenamente o discurso autoral, conservando até mesmo as configurações linguísticas e gramaticais, como pontuação, travessão, emprego de verbos, entre outros (Francelino, 2022).

Concomitantemente, o estilo pictórico admite a incorporação da palavra alheia de forma indireta e sem fronteiras linguísticas; a integridade do discurso de outrem é desmantelada, e ele carrega as marcas do discurso pessoal de quem o engendra (Francelino, 2022). Partindo dessa premissa, infere-se aqui o conceito do *sistema axiológico*, o qual é composto por fios dialógicos marcados por sentido, formados a partir do contato com o outro, bem como o conceito de *alteridade*, que sugere a necessidade do outro para a constituição do eu. A alteridade fundamenta a identidade do sujeito por meio do sistema axiológico (Nascimento, 2022).

De acordo com Bakhtin (2010, p. 287) “[...] eu não posso me arranjar sem o outro [...] eu tenho de me encontrar num outro para encontrar o outro em mim”. Ou seja, os discursos são formados a partir de convivências e interações, marcando os sujeitos e complementando-os, dialogicamente. O heterodiscurso, por sua vez, parte do mesmo princípio e é caracterizado principalmente pela quebra com a unidade dialógica. Francelino (2022, p. 65) elucida essa ideia neste trecho:

No romance, ocorre um processo de estratificação social da linguagem em que, ao invés de uma única voz, monológica, há uma diversidade de dialetos sociais, modos de falar de grupos, jargões profissionais, as linguagens dos gêneros, as linguagens das gerações e das faixas etárias, enfim, uma variedade de linguagens que rompe com a unidade discursiva do gênero.

O heterodiscurso, então, é construído por uma diversidade de formas composicionais e uma organização das várias vozes que o integram. Ele é produzido a partir da pluralidade de estilos, e todas essas características apontam para uma influência maciça do discurso de outrem nesse gênero (Francelino, 2022). Dessa forma, entende-se que um sujeito que não possui contato com formas divergentes de pensamento não constrói um discurso heterogêneo.

Não obstante, Melo (2022) revisita os conceitos de força centrípeta e força centrífuga, ambos do ramo de estudos da física, mas utilizados como analogias para explicar os fenômenos da língua. Busca-se, com esses conceitos, entender como algo identificado como unidade pode ser considerado plural. A língua única de um país, por exemplo, enquadra-se no conceito de força centrípeta, na qual se cria um único dialeto para definir uma comunicação unificada entre falantes, abolindo, assim, a possibilidade de heterodiscurso presente na vida (Bakhtin, 2015).

Em outra ótica, o conceito de força centrífuga traz consigo a descentralização da língua, visto que ela só é única em sentido de gramatização e de regulação, pois os sujeitos que fazem o uso dela são moldados por suas características diversas, permitindo a aplicação de gírias, maneirismos e acentos na fala. Isto posto, entende-se que essa força provoca a separação do sistema linguístico, permitindo o desenvolvimento de linguagens socioideológicas, caracterizadas pelo heterodiscurso (Bakhtin, 2015).

Diante desse cenário, compreende-se que cada enunciado concreto de um sujeito é resultado da aplicação de ambas as forças, pois abrange a denominada “língua única”, designada força centrípeta, e o heterodiscurso formado a partir das diversidades socio-históricas nela encontradas, caracterizando o conceito de força centrífuga. O discurso não é um ato isolado, mas um produto das interações sociais e ideológicas que marcam os sujeitos. Assim, compreendê-lo como um fenômeno dialógico também implica reconhecer a multiplicidade de sentidos que o permeia.

É, portanto, indispensável a diversificação dos discursos a partir do contato com visões que diferem das pré-existentes. Essa relação de interação se estabelece, em sua base, primordialmente por meio da palavra. De acordo com Almeida e Viana (2022, p. 51) “[...] a palavra é compreendida como referência fundamental [...] é ela que acumula sentidos, sem, portanto, repeti-los”.

Destarte, reconhecer a palavra como núcleo fundante do discurso propõe entendê-la para além de uma repetição mecânica, pois ela se encontra sujeita à ressignificação contínua, especialmente diante das forças sociais, ideológicas e culturais que atuam sobre ela. O contato entre diferentes perspectivas e experiências não só possibilita a construção de sentidos diversos, como também contribui para a formação de sujeitos críticos e reflexivos.

Ante o exposto, observa-se que a ausência de uma interação efetiva com o outro resulta na uniformidade dos discursos, comprometendo a existência da multiplicidade de vozes e sentidos. Portanto, torna-se pertinente analisar a aplicação das teorias bakhtinianas sob um viés tecnológico a fim de compreender a efetividade dos mecanismos de personalização das redes sociais e o modo como eles contribuem para a manutenção dessa homogeneização discursiva.

3 A INFLUÊNCIA DO SISTEMA DE PERSONALIZAÇÃO NA HOMOGENEIZAÇÃO DOS DISCURSOS

Partindo da premissa de que os discursos são formados a partir da interação entre os sujeitos, para consolidar essa compreensão, faz-se necessária a análise do conceito de enunciado. De acordo com Araújo e Pereira (2022, p. 75), “[...] o enunciado é a unidade real da comunicação verbal [...] o discurso existe na realidade concreta dos enunciados dos indivíduos”.

De tal modo, o enunciado é endereçado ao outro e é constituído a partir de um processo responsivo, situado em um intercâmbio de discursos interiores e exteriores a ele, até que a palavra alheia se torne própria. Não obstante, Bakhtin caracteriza qualquer palavra presente em um enunciado como portadora de uma entonação expressiva resultante de acentuação impressa ali pelo interlocutor, conferindo-lhe uma materialidade dialógica (Araújo; Pereira, 2022).

Isto posto, considera-se essencial conhecer a teoria do dialogismo para compreender, de maneira mais clara, como a interação entre os sujeitos contribui para a formação dos discursos individuais. De acordo com Almeida e Viana (2022, p. 51), “[...] o dialogismo representa o confronto de valores e diferentes visões sobre um determinado objeto”. Ou seja, enquanto há dialogismo, os sujeitos se encontram com diferentes óticas e perspectivas, colocando à prova suas concepções pessoais.

Ao tratar de heterodiscurso, não se fala apenas em uma visão perpetuada a partir de um único ponto de vista; ao analisar a etimologia da palavra, verifica-se que o prefixo “hetero” é derivado do grego e significa “outro/diferente” (Ribeiro, [s.d.]). Dessa maneira, compreende-se que os discursos classificados dessa forma são compostos por ideias contrastantes e divergentes.

Considerando que a tensão entre discursos permite a subsistência da heterogeneidade, contribuindo para a criação de enunciados distintos, sua ausência

constitui uma ameaça ao ideal bakhtiniano, que valoriza a interação entre pontos de vista divergentes. Entender a linguagem como um fenômeno dialógico, construída e modificada a partir do contato entre enunciados, exige que os indivíduos participantes do processo comunicativo estejam abertos ao confronto de ideias.

Nesse ponto, a experiência de viver em sociedade possibilita o contato com uma variedade de indivíduos envolvidos em variadas atividades, inexistindo controle quanto a isso (Sunstein, 2017). Por outro lado, a esfera digital customizada, enquanto parte do cotidiano dos usuários, pode representar um óbice ao caráter heterogêneo. Não se descarta a hipótese – desvendada pela curadoria algorítmica – de que a natureza do usuário seja consumir o que lhe agrada:

Para muitos de nós, é claro, o que importa é que aproveitemos o que estamos vendo ou lendo, ou o que aprendemos com isso, e não que nos traga conforto necessariamente. Mas existe uma natural tendência humana de fazer escolhas, no que diz respeito ao entretenimento e às notícias que não perturbem nossa visão pré-existente do mundo (Sunstein, 2017, p. 64)⁷.

Ainda assim, embora a escolha dos usuários possa ser naturalmente tendenciosa, é pertinente salientar que a intenção de obter informações imparciais, por si só, não é suficiente para barrar a curadoria. Cabe reiterar que os usuários não possuem acesso às configurações de funcionamento dos algoritmos, de modo que o clique realizado em algum momento determinará, invariavelmente, os conteúdos que aparecerão na sequência:

[...] fiz algum esforço para formar amizades com conservadores e os adicionei como contatos no Facebook. Eu queria saber que links eles iriam postar, queria ler seus comentários e aprender um pouco com eles. Mas seus links nunca apareciam na minha seção de Principais Notícias. O Facebook aparentemente estava fazendo as contas e percebendo que eu ainda clicava mais vezes nos links dos meus amigos progressistas do que nos dos meus amigos conservadores [...] (Pariser, 2012, local. 09).

Em anúncio realizado na página de informações do *site* da Meta sobre o *Facebook*, encontram-se comunicados que confirmam a experiência de Pariser quanto à personalização:

⁷ No original: “For many of us, of course, what matters is that we enjoy what we see or read, or learn from it, and it is not necessary that we are comforted by it. But there is a natural human tendency to make choices with respect to entertainment and news that do not disturb our preexisting view of the world” (Sunstein, 2017, p. 64).

Para ajudar a garantir que você não perca as publicações de amigos e familiares que provavelmente lhe interessam, colocamos essas publicações mais no topo do seu Feed de Notícias. Aprendemos com você e nos adaptamos ao longo do tempo. [...] Algo que uma pessoa considera informativo ou interessante pode ser diferente do que outra pessoa considera informativo ou interessante. [...] Trabalhamos arduamente para tentar entender e prever quais publicações no Facebook você acha divertidas, para garantir que você não perca essas publicações (Meta, 2016, n.p.)⁸.

A situação relatada, assim como as informações fornecidas pela própria plataforma, corrobora a suposição de que o funcionamento dos algoritmos tem o condão de influenciar a tomada de decisões, atuando também na formação de convicções. Mais precisamente, o que se observa é que o sistema consegue decidir pelo usuário, à medida que direciona o caminho a ser percorrido dentro das plataformas, buscando impedir movimentos contrários a comportamentos anteriores.

Verifica-se, portanto, que, independentemente da intenção do consumidor, a entrega continua sendo personalizada a partir das informações fornecidas pelo usuário ao navegar nas plataformas. É, portanto, dispensável que o consumidor personalize sua plataforma de acordo com sua escolha, visto que o próprio sistema já o faz, ainda que desavisadamente (Sunstein, 2017).

Mencione-se, por oportuno, que essa personalização não se restringe à rede social *Facebook*. Observa-se que a rede social *Instagram* propõe uma ideia de controle do usuário sobre o que ele visualiza, exercendo a chamada “arquitetura do controle” (Sunstein, 2017), que busca produzir a sensação de otimização de tempo:

Seu feed do Instagram é uma mistura de fotos e vídeos das pessoas que você segue, de publicações sugeridas e muito mais. Com o tempo, vamos adicionar mais recomendações ao seu feed com base nos seus interesses — Favoritos e Seguindo são novas maneiras de acompanhar as publicações recentes das contas que você segue. [...] Estamos sempre trabalhando em novas formas de melhorar a sua experiência no Instagram. Continuaremos desenvolvendo recursos como Favoritos e Seguindo para oferecer mais opções e controle sobre o que você vê, além de ajudar a tornar o tempo que você passa no aplicativo mais intencional⁹ (Mosseri, 2022, n.p.).

⁸ No original: “To help make sure you don’t miss the friends and family posts you are likely to care about, we put those posts toward the top of your News Feed. We learn from you and adapt over time. [...] Something that one person finds informative or interesting maybe different from what another person finds informative or interesting. [...] We work hard to try to understand and predict what posts on Facebook you find entertaining to make sure you don’t miss out on those” (Meta, 2016, n.p.).

⁹ No original: “Your Instagram feed is a mix of photos and videos from people you follow, suggested posts and more. Over time, we’re going to add more recommendations to your feed based on your interests — Favorites and Following are new ways to catch up on recent posts from the accounts you follow. [...] We’re always working on new ways to improve your Instagram experience. We’ll continue to

Isto posto, dentro da bolha de filtros e das câmaras de eco, a chance de contato com a diversidade é amplamente reduzida, senão impossibilitada. O óbice, que pode ser exercido pelo próprio mecanismo, em relação à interação entre discursos discordantes, promove e fortalece cada vez mais esse cenário. Ao adentrar os casulos de informação, o usuário deixa de exercer o diálogo em sua totalidade. A curadoria algorítmica atua para criar um ambiente de comunicação uniforme, impedindo a exposição à diversidade de opiniões que permeia as redes sociais. Esse ambiente, marcado pela repetição e pelo (suposto) consenso, frustra os fundamentos da heterogeneidade discursiva, promovendo, em seu lugar, a homogeneização dos discursos.

Nesse ponto, dentro dos discursos homogeneizados produzidos a partir do sistema algorítmico, verifica-se a atuação da força centrípeta nos diálogos, visto que ela atua na centralização da língua e, conseqüentemente, dos discursos. Infere-se aqui o conceito de polifonia, oriundo da música, para caracterizar os cantos compostos por diversas vozes, rompendo com a monofonia existente. Esse conceito vem à tona como metáfora para exemplificar a libertação das vozes (Santos, 2022).

Não obstante, o mundo polifônico, de acordo com Santos (2022, p. 154), “é construído a partir da interação, em pé de igualdade das múltiplas vozes, as quais são livres para qualquer acabamento e plenitude”. Dessa maneira, compreende-se a necessidade de romper com a força que atua sobre os discursos, uma vez que ela impõe limites à pluralidade ao buscar uma centralização. Em outra ótica, o sistema no qual essa força se manifesta não ocorre de maneira arbitrária, mas sim em decorrência de uma relação com os processos de centralização política e cultural de um determinado grupo social (Melo, 2022).

Em última análise, Sunstein (2017) apresenta a possibilidade de contrapor a arquitetura de controle por meio da “arquitetura da serendipidade”. Pariser (2012, local. 67) explica que a teoria da serendipidade surgiu a partir do conto “Os três príncipes de Serendip”, em que os protagonistas frequentemente saíam em busca de alguma coisa e se deparavam com outra. Significa, portanto, o ato da descoberta, um encontro fortuito com o que não se buscava.

build features like Favorites and Following to give you more choice and control over what you see, and help make the time you spend on the app feel more intentional” (Mosseri, 2022, n.p.).

Nesse sentido, Sunstein (2017) postula a reformulação da estrutura das redes sociais, de modo que as pessoas possam escolher obter contato com o aleatório, como resultado de uma série de alterações na maneira como o sistema de filtros opera. Sugere, a esse respeito, a criação dos “botões da serendipidade”, especificamente para a rede social *Facebook*. Caso acionados pelo próprio usuário, apareceriam matérias e opiniões não escolhidas e/ou antecipadas, resultando, possivelmente, no ímpeto de buscar aprender e descobrir o diverso por meio da rede social (Sunstein, 2017).

Embora reconheça a possibilidade de que alguns indivíduos não fariam uso dessa opção, o autor esclarece que a oportunidade de buscar por algo novo pode ser atraente. Em contrapartida, levanta uma hipótese mais ousada, o que chama de “ideia agressiva” (Sunstein, 2017, p. 233). Essa alteração mais profunda no sistema faria com que os usuários possuíssem contato com pontos de vista opostos como configuração original da rede social, podendo optar por modificar esse padrão.

Ao encontro desse raciocínio, Pariser (2012), relacionando a serendipidade à inovação e criatividade, propõe a criação de novos sistemas de filtragem, admitindo que a modificação desses sistemas influenciaria na gestão algorítmica da atenção:

Há mais uma coisa que os engenheiros da bolha dos filtros podem fazer: eles podem resolver a questão da serendipidade, criando sistemas de filtragem destinados a expor as pessoas a temas distantes de sua experiência normal. Isso muitas vezes irá de encontro à otimização pura a curto prazo, pois um sistema de personalização que inclua certa aleatoriedade irá (por definição) receber menos cliques. Entretanto, quando os problemas da personalização se tornarem mais bem conhecidos, o método será benéfico a longo prazo – os consumidores talvez escolham sistemas que saibam lhes apresentar novos temas (Pariser, 2012, local. 159).

É relevante salientar que, para Pariser (2012), já existe, dentro das plataformas de pesquisa, o desafio de superar a serendipidade, tendo em vista o alto volume de informações disponível *online*. No entanto, quanto melhor o sistema operar, mais se realiza o intuito de tornar os consumidores sujeitos passivos dentro do processo de busca por informação. O que se observa é que tanto Sunstein quanto Pariser convergem na defesa de uma reconfiguração das plataformas pautada na valorização do encontro com o inesperado, ainda que ambos reconheçam os desafios que acompanham essas modificações. Afinal, promover o imprevisto pode se mostrar um ato de resistência à homogeneização típica dos ambientes digitais.

Esse movimento de romper com as bolhas, ou evadir-se das câmaras de eco, é reativar o poder centrífugo da linguagem, devolvendo à palavra o seu papel social e mediador da comunicação. A dinâmica algorítmica das redes sociais, ao favorecer a recorrência de conteúdos personalizados, provoca o movimento de força centrípeta da língua, buscando a unidade, a fixação e o controle dos sentidos. Saliente-se, por oportuno, que não cabe escolher uma ou outra, centralização ou descentralização, visto que é necessária a integração entre ambas para a constituição de um diálogo linear, nos termos dos postulados bakhtinianos.

A referida postura constitui elemento fundamental tanto para a elaboração de enunciados quanto para a construção da consciência crítica. Isso porque, embora dialogar com indivíduos que reforçam crenças consolidadas seja confortável, o embate ideológico pode contribuir para a formação integral de um indivíduo. Nem sempre as informações que despertam interesse são as necessárias para ser um cidadão bem informado (Pariser, 2012), de modo que o dissenso pode ser compreendido como fator essencial à aquisição de conhecimento. Além disso, menciona-se que o contato com discursos divergentes valida o caráter polifônico da comunicação, permitindo ao indivíduo reelaborar continuamente suas ideias e visões de mundo.

O ato de buscar o diferente não se limita a um gesto de curiosidade; é uma ação essencial à contínua construção da linguagem. Não se deixar absorver pela uniformidade das plataformas e procurar espaços de tensão e alteridade – que alimentam o pensamento crítico – manifesta-se como um ato de responsabilidade discursiva. Dessa forma, os postulados de Bakhtin se opõem à homogeneização algorítmica e sustentam a multiplicidade de vozes e a dialogicidade do enunciado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida no decorrer desta pesquisa permitiu compreender, de forma mais ampla e crítica, o modo como os filtros-bolha e outros mecanismos algorítmicos atuam na configuração dos discursos contemporâneos. Esses mecanismos foram idealizados a partir da necessidade dos criadores de capturar a atenção dos consumidores por mais tempo, criando um ambiente agradável a partir

de concepções pré-existentes do usuário, com o objetivo de mobilizar, direcionar e manter o foco do público de forma contínua.

Entretanto, ao observar a relação entre o avanço tecnológico, a personalização das redes sociais e a teoria dialógica do Círculo de Bakhtin, evidencia-se que a comunicação digital tem produzido novas formas de interação que, ao mesmo tempo em que ampliam o acesso à informação, restringem o contato com a diversidade discursiva. Essa contradição revela a tensão entre a pluralidade de vozes que constitui o discurso e o movimento de homogeneização imposto pelos sistemas de recomendação e filtragem de conteúdo.

Sob a ótica das reflexões bakhtinianas, compreende-se que o discurso é sempre resultado da interação entre múltiplas vozes, situadas em contextos históricos, ideológicos e sociais. A heterogeneidade discursiva, entendida por Bakhtin e seu Círculo como elemento constitutivo da linguagem, é o que garante a dinâmica dialógica do enunciado e, conseqüentemente, a possibilidade de construção coletiva do sentido. Dessa maneira, o enunciado é a unidade real da comunicação verbal, ou seja, o discurso existe na realidade concreta dos enunciados dos indivíduos.

Não obstante, o funcionamento das redes sociais, orientado por algoritmos que selecionam conteúdos com base em preferências individuais, tende a neutralizar essa diversidade, instaurando um movimento centrípeto, isto é, de unificação e padronização de discursos, em detrimento das forças centrífugas, responsáveis por promover a variação, o confronto e o diálogo entre diferentes pontos de vista.

Dessa maneira, o mecanismo que forma os filtros-bolha não apenas configura um fenômeno tecnológico, mas também um fenômeno discursivo e social, uma vez que interfere diretamente nas condições de produção e circulação dos discursos. O espaço comunicativo digital, mediado por algoritmos, passa a ser delimitado por fronteiras simbólicas que isolam os sujeitos em universos de sentido restritos, enfraquecendo o caráter dialógico da linguagem e contribuindo para a formação de uma sociedade menos crítica e menos aberta à alteridade. A partir dessa perspectiva, pode-se afirmar que a personalização algorítmica não é um processo neutro: ela reflete e reproduz valores ideológicos, reforçando visões de mundo hegemônicas e dificultando o encontro com o outro, condição essencial para o diálogo genuíno.

Sendo assim, pensar o discurso sob o prisma bakhtiniano em uma sociedade mediada por tecnologias digitais é também um exercício de resistência. A

compreensão de que toda palavra é atravessada por vozes e intenções sociais permite problematizar a aparente neutralidade das plataformas digitais e reconhecer nelas a presença de mecanismos ideológicos que orientam a construção do sentido, conduzindo à formação de discursos homogeneizados.

Nesse contexto, torna-se indispensável recuperar o potencial crítico das teorias do Círculo de Bakhtin, pois elas oferecem instrumentos teóricos para interpretar o discurso não como produto estático, mas como processo vivo e dialógico, sempre em disputa e transformação, dependente do outro para se encontrar em si próprio.

Por fim, refletir sobre os impactos dos filtros-bolha à luz da teoria bakhtiniana contribui não apenas para o campo acadêmico, mas também para a sociedade em geral, ao fomentar a consciência crítica acerca dos modos de interação digital e da responsabilidade individual e coletiva na construção de espaços comunicativos mais democráticos. A partir da noção de heterodiscurso, pode-se reivindicar o direito à diversidade de vozes e à pluralidade de perspectivas como fundamentos para uma comunicação ética e humanizada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria de Fátima. VIANA Janielly Santos de Vasconcelos. Dialogismo. *In*: PEREIRA, Sônia Virginia Martins; RODRIGUES, Siane (org.). **Diálogos em Verbetes**. Noções e conceitos da Teoria Dialógica da Linguagem. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 51-55.

ARAÚJO, Eduardo Oliveira Henriques. PEREIRA, Sônia Virginia Martins. Enunciado. *In*: PEREIRA, Sônia Virginia Martins; RODRIGUES, Siane (org.). **Diálogos em Verbetes**. Noções e conceitos da Teoria Dialógica da Linguagem. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 75-81.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010. p. 247.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BENTES, Anna. A gestão algorítmica da atenção: engancha, conhecer e persuadir. *In*: POLIDO, Fabrício; ANJOS, Lucas; BRANDÃO, Luíza (org.). **Políticas, internet e sociedade**. Belo Horizonte: Instituto de Referência em Internet e Sociedade, 2019. p. 222-234.

FRANCELINO, Pedro Faria. O Discurso de Outrem. *In*: PEREIRA, Sônia Virginia Martins; RODRIGUES, Siane (org.). **Diálogos em Verbetes**. Noções e conceitos da Teoria Dialógica da Linguagem. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 63-67.

GATES, Bill. **The Road Ahead**. New York: Penguin Books, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar um Projeto de Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

MARCUZZO, Patrícia. Diálogo inconcluso: os conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n.º 36, junho de 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/18908/11006>. Acesso em: 10 de set. 2025.

MARQUES, Marcia Siqueira Costa. Consumo e cultura digital em tempos de algoritmos, inteligência artificial e desafios éticos. **46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Minas Gerais: Pontifícia Universidade Católica, 2023.

META. Building a better News Feed for you. 2016. Disponível em: <https://about.fb.com/news/2016/06/building-a-better-news-feed-for-you/>. Acesso em: 14 ago. 2025.

MELO JÚNIOR, Orison Marden Bandeira. Forças Centrífugas, Forças Centrípetas. *In*: PEREIRA, Sônia Virginia Martins; RODRIGUES, Siane (org.). **Diálogos em Verbetes**. Noções e conceitos da Teoria Dialógica da Linguagem. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 101-104.

MOLON, Newton Duarte. VIANNA Rodolfo. O Círculo de Bakhtin e a linguística aplicada. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 142-165, jul./dec., 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/SKstZ8JH7M66mxQ7RnncZ7j/?format=html&lang=pt#:~:text=O%20C%C3%ADrculo%20de%20Bakhtin%20toma,117>). Acesso em: 07 de out. 2025.

MOSSERI, Adam. Two New Ways to Control Your Instagram Feed. **Meta**. 2022. Disponível em: <https://about.fb.com/news/2022/03/two-new-ways-to-control-your-instagram-feed/>. Acesso em: 24 ago. 2025.

NASCIMENTO, Joseph Bezerra. Alteridade. *In*: PEREIRA, Sônia Virginia Martins; RODRIGUES, Siane (org.). **Diálogos em Verbetes**. Noções e conceitos da Teoria Dialógica da Linguagem. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 17-21.

PARISER, Eli. **O filtro invisível (O que a internet está escondendo de você)**. Tradução de Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012. *E-book*. ISBN: 978-85-378-0831-3.

PAZZANESE, Christina. Danger in the internet echo chamber. **Harvard Law Today**, 2017. Disponível em: <https://hls.harvard.edu/today/danger-internet-echo-chamber/>. Acesso em: 26 abr. 2025.

PINHEIRO, Tatiana. Mikhail Bakhtin, O Filósofo do Diálogo. 224. ed. São Paulo: **Nova Escola**, 2009.

RIBEIRO, Débora. Hétero. **Dicio, Dicionário Online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/hetero/#:~:text=Significado%20de%20H%C3%A9tero,mulher%20ou%20mulher%20por%20homem>. Acesso em: 15 mai. 2025.

SANTOS, Layse da Costa. Polifonia. *In*: PEREIRA, Sônia Virginia Martins; RODRIGUES, Siane (org.). **Diálogos em Verbetes**. Noções e conceitos da Teoria Dialógica da Linguagem. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 153-156.

SILVA, Leandro Mardem *et al*. Psicanálise e Redes Sociais: As Dinâmicas de Captura Virtual do Desejo e Digitalização da Subjetividade nas Cenas do Semiocapitalismo. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 9, n. 17, 2024. p. 422-442.

SUNSTEIN, Cass Robert. **#Republic: Divided democracy in the age of social media**. Nova Jersey: Princeton University Press, 2017.

VOLOCHÍNOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 242-249.